

Contardo Calligaris e uma psicanálise viva

ROSANE MONTEIRO RAMALHO*

Das características que mais admirava no Contardo, uma das primeiras que me vêm à mente era o gosto em se surpreender. Uma surpresa genuína de quem está, de fato, sempre disposto a poder ver algo de outro ângulo. Era isso que acontecia, tanto numa conversa de mesa de bar quanto num seminário sobre Lacan: uma pergunta que deslocava levemente o que parecia assentado e de repente revelava que havia ali algo mais do que se supunha. Ou menos. Ou diferente.

Conheci Contardo Calligaris em 1986, quando ele veio a Porto Alegre junto com outros psicanalistas vindos de Paris – Charles Melman, Marcel Czermak, Christiane Rabant-Lacôte – para uma semana de atividades psicanalíticas. Todos, na época, eram membros da Associação Freudiana Internacional (hoje, Associação Lacaniana Internacional). Contardo passou a vir ao Brasil com certa regularidade, e eu, uma jovem iniciante nos estudos de psicanálise, acabei participando de vários seminários que ele ministrou; fiz supervisões, e por um bom tempo também me analisei com ele. Participei dos seminários que resultaram no seu famoso livro *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses*, e me tornei membro da APPOA – a Associação Psicanalítica de Porto Alegre, desde seu início, na qual Contardo foi o primeiro presidente.

Agradeço ao Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro pelo convite para escrever sobre o Contardo, que recebi com grande alegria pela oportunidade de poder dizer o que a transmissão de Contardo significou, especialmente

* Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e do Instituto APPOA.

para uma geração – a minha – de psicanalistas, mas também para as gerações que se seguiram. E, especialmente, poder dizer também da grande importância que o trabalho dele teve, e ainda tem, no avanço da psicanálise.

Porto Alegre, no final dos anos oitenta, era um lugar de efervescência. Havia alguns grupos lacanianos na cidade – alguns desses eram instituições pequenas, com histórias distintas, e, não raro, discordâncias entre eles. O lacanismo que circulava no Brasil naquele momento chegava sobretudo pela Argentina – via analistas que tinham estudado, trabalhado ou se analisado com o próprio Lacan, e que vieram para cá em função da ditadura. Era um lacanismo de grande rigor e de algum dogmatismo: o texto de Lacan era tomado quase como uma escritura sagrada, o seminário como exegese obrigatória. Eu era uma entre os jovens iniciantes na clínica e no estudo de Lacan, que estudávamos com alguns desses analistas argentinos e também com outros analistas que participavam de diferentes instituições ou grupos de psicanálise em Porto Alegre.

A chegada de Contardo trouxe algo diferente. Não era uma diferença de conteúdo exatamente – ele era laciano, havia participado da Escola Freudiana de Paris até a sua dissolução, em 1980, e participava da Associação Freudiana Internacional. Ele tinha estudado com Lacan e conhecia muito os seus textos. A diferença era de postura. Contardo, além de uma clareza na sua transmissão, lia Lacan como se os conceitos fossem hipóteses de trabalho, não verdades reveladas. Fazia perguntas ao texto. Às vezes discordava. Estimulava o pensamento e a possibilidade de que a gente também pudesse divergir – de Lacan, dos seminários, e dele mesmo. O poder de se surpreender, o poder de questionar o que, a princípio, se apresentava quase como uma certeza era algo frequente no seu ensino, na sua prática, nos seus escritos, ou mesmo numa conversa informal. Essa forma aberta, que convidava ao exercício do pensamento, era muito diferente das posturas muitas vezes dogmáticas de alguns psicanalistas europeus – e também de psicanalistas argentinos que participaram de nossa formação. Contardo tinha um interesse genuíno pela diversidade humana, e estimulava uma relação transferencial mais horizontal do que vertical, procurando se retirar do lugar de mestre em que muitas vezes o colocavam.

Essa postura tinha consequências institucionais. Em Porto Alegre havia diferentes grupos de psicanalistas que quase não se falavam e eventualmente

discordavam entre si. A presença de Contardo e a forma como ele lidou com as transferências que se concentravam ao redor dele – recusando sistematicamente o lugar de mestria em que o colocavam e estimulando uma circulação da palavra e das transferências – tornaram possível o que até então parecia improvável: que esses grupos diferentes se encontrassem, conversassem, e acabassem decidindo fundar algo juntos. Em dezembro de 1989, quatro instituições (ou grupos de psicanalistas) se dissolveram para criar a APPOA. A dissolução do narcisismo particular em prol de algo maior é sempre um ato. A fundação da APPOA foi, nesse sentido, um ato analítico.

Contardo tinha um interesse genuíno pelas formas singulares que as pessoas encontravam para viver e sempre foi muito atento ao que se passava no mundo. Nos seus seminários, havia sempre essa conversa entre teoria e o contexto cultural, uma interlocução constante da psicanálise com outras áreas, como a antropologia, a sociologia, a filosofia, a literatura, etc.

Uma dessas interessantes trocas que ele promovia foi o encontro do Sexto Lobo que aconteceu em Porto Alegre, e que resultou no lançamento do livro: *Clínica do social: Ensaios*, composto por Contardo Calligaris, Jurandir Freire Costa e Octavio Souza (psicanalistas), e por Luiz Tarlei de Aragão (antropólogo).

Contardo seguiu por toda a sua vida nessa conversa constante com o nosso tempo e com o nosso mundo. Fez isso na coluna semanal que manteve na *Folha de São Paulo*, durante mais de vinte anos, de 1999 a 2021 (ele faleceu em 30 de março de 2021). Além de psicanalista, escritor e colunista, ele foi dramaturgo: escreveu e montou uma peça – *Homem da tarja preta*, em 2009, e escreveu uma série para TV (HBO): *Psi*. Além de vários livros de ensaios e de psicanálise, escreveu dois livros de ficção: *O conto do amor* (2008), e *A mulher de vermelho e branco: uma história de Carlo Antonini* (2011).

Esse seu olhar curioso para o social já era visível desde que chegou ao Brasil. Era frequente que observasse com interesse algo que passava despercebido pelas pessoas ao seu redor, por ser algo imerso na rotina. Lembro de ele falar, assim que veio ao Brasil, de sua surpresa com a frequência com que as pessoas tinham empregadas domésticas que moravam nas casas dos seus patrões – algo muito raro no cotidiano europeu. Este foi um dos elementos que o levaram a ler e conhecer a história do Brasil (sobretudo a par-

tir dos livros de Sergio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro). Esse percurso o levou a compreender as marcas da escravidão nas relações cotidianas no nosso país, que ele tematizou profundamente no livro: *HelloBrasil! – Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. O livro foi publicado em 1991 e reeditado em 2021.

Contardo escreveu também muitos livros de psicanálise. Um deles teve especial importância para mim e para toda uma geração de analistas: *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*.

O livro, publicado naquele mesmo ano de 1989 em que foi fundada a APPOA, resultou de um seminário sobre as psicoses. Foram sete encontros, e o lugar estava cheio – não só de psicanalistas. Que o livro *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses* seja a transcrição revisada desses seminários – e que conserve as perguntas da plateia, as digressões, os momentos em que alguém interrompe e Contardo muda de direção – não é um detalhe de forma. É parte do argumento.

Porque o argumento começa exatamente aí: ser uma conversa aberta, com uma plateia estimulante, como ele mesmo escreveu na apresentação do livro: “...o que faz, para mim, o interesse deste livro: uma reflexão clínica sobre psicose assim como ela foi produzida para e com uma plateia instigante”.

A psicose, que a psiquiatria clássica tratava como território de um saber técnico fechado – território médico por definição, acessível apenas a quem detinha o olhar capaz de identificar os fenômenos elementares, as alucinações, os delírios –, Contardo propunha como algo que podia ser pensado, discutido, e atendido clinicamente por qualquer analista que tivesse feito a sua análise. O critério não era a formação médica. Era a experiência da transferência.

O primeiro deslocamento do livro é metodológico, e é radical. A psiquiatria clássica diagnostica psicose pelos sintomas: se não há fenômenos psicóticos visíveis, não há diagnóstico de psicose. Contardo começa por desmontá-lo: a clínica psicanalítica não é descritiva nem fenomenológica. É estrutural. O diagnóstico se faz na transferência – no lugar que o discurso do paciente atribui ao analista, no tipo de relação que se organiza. E isso significa que é possível – e clinicamente necessário – diagnosticar uma estrutura psicótica na ausência de qualquer crise, de qualquer alucinação, de qualquer comporta-

mento que a psiquiatria reconheceria como sintoma. Enfim, é pensar a possibilidade de uma estrutura psicótica antes de uma crise psicótica.

O caso que abre o livro é o de um jovem americano que Contardo atendeu em Paris. Bonito, funcionava perfeitamente na alta burguesia parisiense, havia sido militar exemplar no Vietnã, depois *hippie* na Índia, depois diretor administrativo de uma empresa em Paris. Não tinha queixas. Vinha às sessões porque sua mulher havia insistido. E no consultório, falava – da infância, da história, das coisas que normalmente um paciente fala. O problema era que Contardo não entendia por que ele vinha. Não havia, no discurso desse homem, nada que organizasse uma demanda, uma queixa, tampouco uma cumplicidade, um desafio. A análise era um percurso, como havia sido o Vietnã, a Índia, a alta sociedade de Paris. Mais um caminho no mapa infinito.

A história termina quando o homem aceita participar de um assalto a banco – não por dinheiro, não por ideologia, mas porque pediram, e “por que não?...” – e é preso. Contardo define o diagnóstico de psicose retrospectivamente, ao longo do trabalho analítico com esse paciente. O que aquele homem tornava visível era um sujeito para quem não havia significação central – o que Lacan chamava de ponto de basta, o nó que amarra a rede de significantes e distribui as significações ao redor de um polo organizador. Para o neurótico, esse polo é a função paterna. Para o psicótico alguém de qualquer crise, não há esse polo. Há errância – não no sentido de erro, mas no sentido de percurso sem orientação central, sem uma referência. Por exemplo: um país sem capital federal, onde todas as cidades valem o mesmo, todos os caminhos seguem em direção própria.

Mas há ainda um segundo deslocamento do livro, e é o mais importante. O lacanismo de então – seguindo a fórmula do *Seminário 3: As psicoses* e do texto “Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” – definia a psicose pela forclusão do Nome-do-Pai. Contardo não contestava essa definição. Mas apontava um problema que quase ninguém havia articulado com essa clareza: a forclusão é um conceito negativo. Diz o que a psicose não tem – a função paterna simbolizada. Não diz o que a psicose é.

Uma definição negativa não pode ser um universal da psicose, porque o único universal que ela funda, na verdade, é o da neurose e da perversão: o conjunto dos que têm a referência à função paterna. Contardo achava que

Lacan fundou na forclusão o universal da psicose por se interessar muito pelo desencadeamento da crise psicótica. A forclusão é um conceito que começa a aparecer no momento da crise – quando o sujeito é convocado a referir-se a uma função paterna, mas não a tem simbolizada. Antes disso, antes de apresentar uma crise, o psicótico tem um saber organizado de outro modo, positivamente diferente. Tem uma subjetividade, uma forma de existência, com uma lógica própria.

Contardo dizia que a problemática psicótica, anterior à crise, é uma problemática de saber – a tarefa de sustentar, com a sua certeza, um saber que não pode confiar a um sujeito suposto, porque não há uma instância à qual se possa endereçar a suposição de saber. A errância do psicótico fora de crise é a forma que assume essa tarefa impossível e infinita: percorrer o mapa inteiro, tecer a rede sem ancoragem, sem uma referência.

Porém, quando numa psicose ocorre o desencadeamento de uma crise – quando uma injunção a se referir a um polo central encontra a ausência do referencial paterno simbólico (daí a ideia de forclusão do Significante Nome-do-Pai), o saber que até então o sustentava se desfaz, e o psicótico vivencia a terrível situação de “crepúsculo do mundo”. O trabalho clínico, então, a partir da crise, consiste em ajudá-lo na construção de uma metáfora delirante viável.

Por isso, buscar a construção de uma metáfora delirante viável – viável socialmente –, passa a ser um dos horizontes do trabalho analítico com psicóticos. Uma metáfora delirante bem constituída não é uma aberração, por mais inverossímil que seja: é uma solução. Como já dizia Freud: o delírio é uma tentativa de cura. E o momento fecundo da crise – quando o sujeito pode construir essa metáfora delirante, a crise não se reproduz. Suprimir o delírio, como costuma fazer uma psiquiatria orientada apenas pela redução de sintomas, é, sim, produzir cronificação.

Há um momento do seminário de que me lembro bem. Contardo estava explicando o que chamava de clínica diferencial. Considerando que o que foi abolido no simbólico, volta na crise como Real, a sua hipótese era de que o que retorna no Real durante a crise não é uma função paterna abstrata, mas a constelação simbólica específica que organizaria o sujeito caso fosse um neurótico. Assim, se a constelação é de tipo histérico, a psicose terá características de esquizofrenia. Se é de tipo obsessivo, a psicose terá traços paranoicos. Se é de tipo fóbico, algo como a psicose maníaco-depressiva.

Alguém na plateia, durante o seminário, perguntou se essa equivalência não arriscava desfazer a descontinuidade radical que Lacan havia estabelecido entre neurose e psicose – se não estava, afinal, fazendo a psicose derivar da neurose. Contardo foi preciso: o esquema não pressupõe continuidade. Mantém a diferença estrutural, embora pensasse em estrutura não dissociada da história do sujeito. O que a constelação paterna singular explica não é por que alguém é psicótico, mas de que tipo vai ser a crise, se houver. A tipologia é diferencial dentro das psicoses, não uma escada entre psicose e neurose. Era esse o estilo do seminário. Uma hipótese proposta, testada contra objeções, revisada. Nunca doutrina. Nunca “é assim porque Lacan disse”.

O efeito mais duradouro do livro não foi teórico, embora fosse também teórico. Foi clínico e político. Uma geração de psicanalistas sem formação médica – psicólogos, na maioria – que estava chegando, e que havia sido ensinada que psicose era coisa de psiquiatra, descobriu que podia trabalhar com pessoas em sofrimento psicótico. Não apesar de ser psicanalista não médico, mas, justamente, por ser psicanalista: porque o diagnóstico se faz na transferência e não a partir dos sintomas; porque o instrumento é a escuta, não a CID.

Não por acaso muitos desses profissionais se engajaram na Reforma Psiquiátrica. Em Porto Alegre, na mesma época em que o seminário acontecia, a luta antimanicomial estava em curso. Eu própria participava da Reforma Psiquiátrica e passei a dar aulas na Residência Médica e Interdisciplinar do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Tentamos organizar com Contardo apresentações de pacientes ali – prática que Lacan manteve ao longo de toda a sua vida –, mas as resistências da psiquiatria tradicional eram fortes demais. Acabamos, por fim, encontrando outros espaços para a atividade.

Um ponto decisivo que ficou do seminário com Contardo foi a compreensão de que a clínica psicanalítica com psicóticos não é uma especialidade reservada a poucos. É uma consequência lógica da posição analítica, que implica pelo menos três coisas – disponibilidade sem injunção, escuta sem normalização, e presença que não fabrica demanda. O conceito de clínica ampliada, que a Reforma Psiquiátrica foi construindo ao longo dos anos seguintes, encontra em Contardo um dos seus antecedentes teóricos mais rigorosos.

Porém, Contardo enfatizava que há requisitos para o atendimento de psicóticos. Ele falava que quem se aventurasse a acompanhar a busca de significa-

ção de um psicótico, a sua tentativa de construir uma metáfora delirante viável, deve ter certa estatura no campo das humanidades. Ele advertia que, caso não tivesse um *background* intelectual mínimo, não seria mais que um funcionário do horror. Advertia ainda que os neuróticos têm muito mais paciência com a nossa ignorância, que um psicótico não toleraria uma indigência intelectual. Pela especificidade do trabalho com os psicóticos, é importante ter um gosto pela variedade das significações humanas, ter um certo descenramento dos nossos valores e uma abertura a transitar por outros saberes. Enfim, dizia que é preciso ter “alma de antropólogo”. E, por fim, Contardo afirmava ser importante ter desejo de lidar com essa clínica tão peculiar.

Há algo muito particular que atravessa toda a obra de Contardo – que se apresenta especialmente em seu livro sobre a clínica das psicoses e em suas produções acerca da perversão social: o questionamento permanente de teorias consolidadas a partir de reflexões clínicas. Em 1991, ele defendeu em Paris uma tese de doutorado intitulada *Pesquisa sobre a perversão como patologia social: a paixão da instrumentalidade*. O livro só chegaria ao público brasileiro postumamente, em 2022, editado com cuidado por Jurandir Freire Costa e Octavio Souza, sob o título *O Grupo e o Mal: Estudo sobre a perversão social*. Mas as ideias circulavam entre nós desde o final dos anos oitenta, a partir dos seminários que Contardo ministrava.

A pergunta da tese era esta: o que leva pessoas comuns – não monstros, não psicopatas, nem perversos, mas pessoas comuns – a participar de sistemas de horror, como o nazismo? Contardo partia da observação de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal e a traduzia em termos psicanalíticos: há uma paixão – não apenas uma conformidade, não apenas uma obediência – de tornar-se instrumento. A paixão da instrumentalidade como modo de escapar da miséria neurótica para funcionar como peça numa engrenagem totalizante, com a entrega ao gozo do Outro que isso implica.

Contardo, ao falar desses algozes nazistas, questiona as clássicas considerações sobre a definição de perversão (tanto na psiquiatria, quanto na psicanálise), e fala em “perversão social” – entendida como uma montagem perversa da qual todo sujeito neurótico pode eventualmente participar.

O ponto que quero destacar como traço comum nos seus escritos, e que encontramos especialmente nessas duas produções é que ambas partem de

interrogações nascidas da reflexão clínica: com as psicoses, num caso, e com os depoimentos dos algozes nazistas, no outro. Interrogações que o fizeram avançar na produção teórica da psicanálise. Contardo parte das teorias existentes, mas não se detém na repetição destas, nem na mera aplicação de seus fundamentos. Como lhe era próprio, na escuta ou na leitura, tinha a característica de ver algo por outros ângulos. Interrogava-se e, no exercício mesmo do pensamento, formulava hipóteses, propondo novas formas de entender aquilo que se apresentava. Avançava na teorização da psicanálise como poucos. Tomava o melhor do legado de Freud e de Lacan: a partir da escuta dos sujeitos e dos impasses que se apresentam em cada época, e, partindo dos fundamentos, ousar reformulá-los, inovando e avançando, assim, na psicanálise. Esse é o maior legado que Contardo nos deixa: uma psicanálise em movimento, uma psicanálise viva.

Referências

ARAGÃO, L. T. *et al.* *Clínica do social: Ensaio*. São Paulo: Escuta, 1991.

CALLIGARIS, C. *A mulher de vermelho e branco: Uma história de Carlo Antonini*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Hello Brasil!: Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo: Escuta, 1991.

_____. *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicose*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. *O conto do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *O grupo e o mal: Estudo sobre a perversão social*. Jurandir Freire Costa e Octavio Souza (Ed.) Tradução: Jorge Bastos Cruz. São Paulo: Fósforo, 2022.

Junho de 2026

Rosane Monteiro Ramalho

rosaneram@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil